



GLAUCOMA

08:50 | 11:00 - Sala Lira

Mesa: João Lisboa, António B. Melo, Mário Cruz

CL81- 09:00/09:10

AValiação do Prognóstico do Glaucoma Pediátrico Primário

Andreia Silva, Isa Sobral, João Pedro Bessa Cardoso, Inês Lains, Pedro Cardoso, Pedro Faria, João Filipe, Moura Pereira

(Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra)

Introdução:

O glaucoma pediátrico primário é uma doença rara, constituindo uma importante causa de cegueira. O diagnóstico é geralmente efectuado ao nascimento ou nos primeiros anos de vida. Deve-se a uma anomalia do desenvolvimento estrutural do ângulo de filtração da câmara anterior (trabeculodisgenesia), que ocorre sem estar associado a outras anomalias sistémicas ou oculares. O tratamento desta patologia visa normalizar a pressão intraocular (PIO) e restaurar a visão. O prognóstico do glaucoma primário congénito melhorou significativamente com a introdução das técnicas cirúrgicas. Muitas vezes são necessárias várias intervenções para controlar a PIO. O objectivo deste trabalho é avaliar o prognóstico dos doentes com glaucoma primário congénito e infantil, procurando avaliar possíveis factores de prognóstico visual final.

Material e métodos:

Trata-se de um estudo retrospectivo no qual foram avaliados 80 olhos de 45 doentes com o diagnóstico de glaucoma congénito/infantil primário. Todos os doentes foram tratados cirurgicamente e considerou-se sucesso cirúrgico quando atingida uma PIO igual ou inferior a 18mmHg, independentemente do uso de medicação tópica. Os parâmetros avaliados incluem as características demográficas dos doentes, a PIO pré e pós-operatória, a acuidade visual, escavação do disco óptico e a campimetria.

Resultados e conclusões:

No estudo 60% dos doentes são do género masculino e 40% do género feminino. As manifestações clínicas foram maioritariamente a PIO alta e a megalocórnea. A técnica cirúrgica inicial mais utilizada foi a trabeculotomia combinada com a trabeculectomia (85%). O sucesso cirúrgico foi de 67,50% ao primeiro ano. Embora a percentagem de sucesso aos 15 anos pós-operatório seja de 48,75%, tal resultado pode dever-se ao facto de 38,75% dos doentes terem sido submetidos a nova intervenção, condicionando o sucesso cirúrgico.